

Reflexões sôbre a Doutrina do emprêgo dos Carros de Combate

Pelo Major Olympio Mourão Filho

Discute-se acaloradamente sobre a doutrina do emprego dos carros e a discussão gira quasi invariavelmente sobre as "doutrinas francesa e alemã".

Afirmam uns que a francesa é má, está errada e lèvou a França à derrota; que a alemã foi sagrada pela vitória e assim devemos adotar essa. Outros dizem que não podemos abandonar a francesa porque é a doutrina do nosso Estado Maior e, sem que este alto orgão a modifique, não é licito, nas escolas, o estudo da outra.

* * *

A discussão não tem a menor base, nenhuma razão de ser, porque, em verdade, não há duas doutrinas.

Quem estuda com atenção os regulamentos franceses verifica que os alemães empregaram seus carros de acordo com o que lá está escrito.

A única cousa que se pôde constatar (baseado naturalmente em informes de jornais, revistas e outras fontes pouco seguras) é que o Alto Comando da França não fez o emprego estratégico dos carros, seja porque não os possuía em quantidades suficientes, tendo-os divididos pelas várias G. U., seja por falta de uma Aviação adequada, ou outro motivo qualquer. Mas, o estudo dos regulamentos põe em evidência os princípios do emprego, exatamente como parece ter sido feito pelo Exército Alemão.

Passemô-los em rápida revista, dentro dos limites possíveis em um artigo.

O emprego dos carros comporta:

- 1) **Emprego estratégico**
- 2) **Emprego tático**

E' necessário não se confundir o que está minutado no número 2) com a tática dos carros de combate no âmbito de suas unidades.

EMPREGO ESTRATÉGICO

a) CARACTERÍSTICAS:

— Surpresa, massa, grande profundidade, cooperação intensa e imediata da Força Aérea (tambem empregada estrategicamente) e das tropas motorizadas;

b) OBJETIVOS GERAIS:

— Abertura de uma brecha na frente, em ataque frontal, ou manobra de envolvimento de grande envergadura, penetração profunda no dispositivo estratégico do inimigo e, em certas circunstâncias, mais além, isto é, no interior do país, desorganização da retaguarda, abrindo sempre o caminho para as tropas de todas as armas que seguirão na esteira das G.U. moto-mecanizadas, cooperação na retirada estratégica.

c) UNIDADES DE EMPREGO:

— Divisão ou Divisões, Exércitos ou mesmo grupos de Exércitos moto-mecanizados.

Os últimos comunicados alemães, antes do início do inverno, falavam francamente em Exércitos Couraçados.

d) MECANISMO GERAL DAS OPERAÇÕES:

— E' lógico que, num estudo esquemático, cartesiano como este, só cuidamos do caso geral que, todavia, frequentemente comporta um sem número de variações. Mas, pode-se considerar o seguinte mecanismo:

1.^a fase — Ataque, num ponto da frente; apoio de Artilharia do Exército e outras em condições de cooperar; apoio da Aviação em prolongamento ao da Artilharia.

Rutura — Aberta a brecha, as G.U. por ela se precipitam e, daí em diante, agirão, apoiadas pela Aviação, com seus próprios meios. Atingido o primeiro objetivo marcado — função do raio de ação do material e das unidades motorizadas — segue-se a ocupação pela Brigada de Reconhecimento e ocupação do terreno, elemento integrante da Divisão Couraçada; é necessário notar-se que a capacidade de ocupação do elemento supra-citado, é muito limitada, quer no tempo quer no espaço e daí, a necessidade das tropas motorizadas sobre estradas. Os elementos de ocupação do terreno, de uma Divisão Couraçada, são transportados em viaturas todo-terreno, o que limita muito seu efetivo e potência de fogo, devido ao preço exagerado das máquinas, ao consumo enorme de essência e óleo e, ainda devido à necessidade de diminuir o quanto possível a aglomeração de veículos, cujo conjunto é muito vulnerável à Aviação.

2.^a fase — As tropas motorizadas alargam a brecha, substituem, as tropas de Brigadas de Ocupação, que ficam liberadas. A Divisão Couraçada pode, se for o caso, retomar seu movimento para a frente, ou mesmo retirar-se para posições à retaguarda (caso de missão terminada).

3.^a fase — Chegada das tropas a pé; substituição das motorizadas na ocupação do terreno conquistado, com as operações complementares tais como ampliação das brechas, formação de bolsas, limpeza da zona e um sem número de outras.

e) COOPERAÇÃO DA AVIAÇÃO:

— A Força Aérea que coopera nas operações acima descritas, é, em geral, além da Aviação do Exército ou Grupo de Exércitos na frente onde operam uma ou mais Divisões Couraçadas, a Força Aérea Geral, também em emprego estratégico. Seu papel é da mais alta importância e, em certas circunstâncias, o serviço de Aviação funciona como abastecedor das Divisões empenhadas.

A cooperação pode ser esquematizada como se segue:

— **diréta, imediata** — pelo ataque a bomba dos objetivos que se apresentam na frente das Divisões, especialmente a Artilharia (inclusive a anti-tanque) inimiga, baterias, P. O. etc., etc., e bombardeio contra os carros inimigos que porventura apareçam no campo de batalha;

— **indiréta ou mediata** — pelo bombardeio intenso dos pontos importantes da retaguarda ainda não atingidos pelas tropas moto-mecanizadas.

Quanto ao apoio direto ou imediato dado pela Aviação, há que considerar a espécie do material aéreo a ser empregado.

Assim é que no ataque a certos objetivos tais como carros inimigos, P. O. assinalados, etc., isto é, objetivos de reduzidas dimensões e fóra do alcance da Artilharia própria das Divisões, o bombardeio, de vôo horizontal é de eficácia muito duvidosa, sendo necessário o emprego do avião em "piquê", o mais capaz de obter impactos precisos para a destruição dos objetivos citados. O bombardeio em vôo horizontal pôde conferir uma boa neutralização mas, não se pode esperar do mesmo certas destruições.

Sem uma Aviação dotada de bombardeiros em "piquê" fica muito prejudicado o emprego estratégico das unidades couraçadas visto como seu raio de ação estará quasi limitado ao apoio da Artilharia do Exército ou grupo de Exércitos, apoio não tão profundo e eficiente quanto o da Aviação.

2 — EMPREGO TÁTICO

a) CARACTERÍSTICAS:

Surpresa — A massa é relativa à profundidade e esta é função do apoio de artilharia que as unidades de carros podem receber da G. U. à disposição da qual vão agir. Em alguns casos, pôde haver apoio da aviação até um determinado limite, e por um tempo determinado, seja dobrando a ação da artilharia, seja prolongando-a. Pode-se dizer, além disto, sem erro, que a diferença essencial entre o emprego estratégi-

gico e o tático é que o primeiro é uma operação específica desencadeada e dirigida pelo Alto Comando, visando um proveito geral, de ordem estratégica, no conjunto das operações; ao passo que o segundo é uma operação de comando de G.U. (Exército, Divisão) e visando um proveito local, no âmbito limitado de suas operações.

b) OBJETIVOS GERAIS:

Abrir uma brecha na posição inimiga, atacando-a até uma profundidade determinada pelo apoio da Artilharia da G. U. em proveito da qual trabalha; cooperar no combate em retirada ou no retraimento sistemático; executar contra-ataques preparados e outras operações de caráter tático, tudo em estreita ligação com as G.U. à disposição das quais se acham.

c) UNIDADE DE EMPREGO:

1 — À disposição de um Exército, até o valor de uma Divisão;

2 — À disposição de uma D. I., até o valor de um Regimento.

d) MECANISMO GERAL DAS OPERAÇÕES:

Há uma gama variadíssima de mecanismos, dependendo da missão, terreno, inimigo e várias outras circunstâncias.

Todavia, normalmente ofensiva, no âmbito da Divisão (no presente trabalho não estudaremos o emprêgo no âmbito de um Exército) o mecanismo pôde ser esquematizado como se segue:

1.º — Aos Regimentos de primeiro escalão são atribuídos, pelo Comandante da D. I., elementos de carros leves em proporções variáveis com os recursos disponíveis, a situação, frente a atacar. etc.

Constituem-se, deste modo, os grupamentos mixtos, cujo comando pertence ao Comandante do Regimento. Ao Cel. cabe o emprego dos Grupamentos Mixtos.

O Comandante da Divisão, com o grosso, geralmente formado de elementos médios, constitue o Grupamento de Ação de Conjunto.

2.º — Estabelecidas as linhas de objetivos a atingir pelo Cmt. da D. I., **linhas que definem o apoio de Artilharia** da D. I., o Gen. Comandante determina em que condições, desde a partida, cada linha deverá ser atingida pelo grupamento de Conjunto que sempre precede os Grupamentos Mixtos que se beneficiam da ação do mesmo.

3.º — O Comandante do Grupamento Mixto, em função das linhas definidas pelo Gen. Comandante da D. I., determina as linhas intermediárias a atingir pelo seu grupamento e as condições de partida, velocidade de marcha e outras medidas necessárias para articular a ação da Infantaria com os carros.

Nos contra-ataques, no combate em retirada e no retraimento sistemático, cada caso tem um mecanismo particular não sendo possível traçar qualquer esquêma que possa abranger a generalidade. Necessário se torna sempre ter em vista as características dos carros, suas qualidades e pontos vulneráveis, isto é:

- emprego deve sempre com o máximo de meios disponíveis, sem idéia de reserva;
- sempre que possível, de surpresa;
- o carro é cégo e muito vulnerável à artilharia;
- as unidades de carros não podem ocupar o terreno, nem tampouco vasculhá-lo — operação só possível de ser executada pela Cavalaria ou patrulhas de Infantaria;
- o carro não é uma arma de choque, mas age pelo fogo e especialmente para **produzir a destruição**, sendo pouco eficiente na neutralização, missão que lhe deve ser eventual e rara e só em condições especialíssimas;
- para fazer a destruição o carro deve se aproximar do objetivo o mais possível, afim de obter um fogo certo;
- o carro não é a melhor arma para combater o carro, mas sim, a Artilharia e as armas anti-tanques, combinadas com os obstáculos.